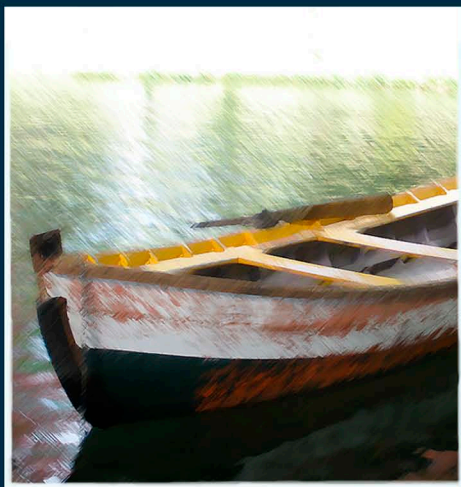


José Leon Machado

# Fluviaais



CONTOS

Edições Vercial

José Leon Machado

# Fluviais

**Contos**

**Obra vencedora do  
Grande Prémio de Literatura ITF (DST) 2002**

**Edições Vercial**

## PARTE I

*À sombra sob as parras*

## **A máscara da Ninfa**

O ti Né Carapuças fez-se barqueiro, não por necessidade própria, mas por necessidade alheia. Estava reformado e não precisava de andar a matar-se a transportar gente de uma margem do rio para outra. Só que tinha de haver alguém que o fizesse. Como o coveiro.

Os da Junta foram pedir-lhe a colaboração depois da morte do antigo barqueiro e, face aos rogos, ele lá acedeu. Sempre se distraía um pouco e ganhava mais alguns cobres para a pinga. Como condição, impôs que o barco do seu antecessor passasse para a sua mão, tornando-se ele o legítimo dono. Chegou-se a acordo com a família do morto e, no dia seguinte, os habitantes da margem esquerda não precisaram de percorrer os quilómetros respetivos para poderem atravessar o rio na ponte mais próxima.

Enviuvara há dois anos e não se dava sozinho em casa. Sentia-a vazia, sem a companhia da mulher, do porco e das galinhas. Ele não tinha jeito para tratar da bicharada. Desde que falecera, despachara tudo para a casa dos filhos, que viviam nas freguesias à volta. Só deixou os cães, que lhe faziam falta para companhia e para a caça aos coelhos, que poucos havia já, não fossem os lambões dos caçadores furtivos limparem os matos das redondezas. E a vista, sim, a vista também se lhe andava a distorcer na pontaria. Ocupava as horas mortas entre o comer e o dormir pelo quintaleco a sachar uma leira de feijão e dois regos de couve troncha. Uma vez por outra, quando chovia ou o calor apertava, subia ao tasco do Canhoto a beber um quartilho entre um dedo de conversa sobre política e os tempos que corriam com os velhos seus conhecidos. Ali ficavam tardes inteiras, na semiescuridão da taberna com cheiro a ranço e a pipo velho, mesmo em frente do café, onde os mais novos ao fim da tarde iam gastar a fêria em cerveja, em tabaco e no jogo do bilhar. O ti Né não se afeiçoara nunca a esses lugares modernos de moral duvidosa. Café era

droga. A pinguinha da cor do sangue de Nosso Senhor sabia-se que, além de ser saudável, não ia contra os bons costumes. Agora a zurrapa que se tomava em frente... da cor do diabo seria. E a mania da gente nova beber cerveja, aquela mistela com a cor de mijo que até espuma deitava, não a compreendia. Agora passava menos vezes pelo Canhoto. Só ao fim da tarde, depois das últimas travessias.

Em rapaz puseram-lhe a alcunha de Carapuças. Veio de ele usar um carapuço que a mãe lhe fizera para os dias de frio. Ora, a canalhada dali usava boné e, quando muito, chapéu de feltro. Onde já ia esse tempo!... Mal os companheiros o viram em tal preparo, pegou-se-lhe logo a alcunha. E assim ficou.

Estatura média, cabelo muito branco e raro, o que mais impressionava era o olhar. Mostrava-se tão límpido que as mulheres, mesmo agora que estava velho, o fixavam com um ar de pasmo. herdara o azul claro do avô, que descera do Gerês para trabalhar nas obras de Braga.

Pouco depois da manhã romper, o ti Né largava de casa com os dois cães no encalço e metia ladeira abaixo até ao pequeno cais onde tinha amarrada a barçaça. Entrava no barracão ao lado e tirava o pau comprido que lhe fazia de leme e de remo. Sentava-se numa pedra como se Deus ali a pusesse para esse efeito, e dividia o pequeno-almoço com os bichos, normalmente uma chouriça de sangue cozida, um naco de broa e um gole para dar forças. Este, porém, não o compartia e os cachorros olhavam-no enquanto ele emborcava da garrafa entre a curiosidade de bichos e o ouguiço de ser qualquer coisa comestível.

Depois abria o aloquete que prendia a argola do barco às correntes de ferro cravadas com um espigão num pilar de madeira ao pé da água, dava um salto demasiado ágil para a sua idade e sentava-se à ré. Os cães saltavam em seguida.

Normalmente os primeiros passageiros a atravessar estavam na outra margem. Naquela manhã, o ti Né olhou com a mão em pala sobre os olhos a tentar vislumbrar se havia alguém para, em

caso disso, iniciar manobras para a primeira travessia. Pareceu-lhe distinguir um movimento qualquer no embarcadouro contrário e decidiu avançar. De pé à ré, o pau como remo, em gestos lentos de quem está senhor do rio e do barco, parecia um deus. Os cães, à frente, farejavam as águas num abano de cauda nervoso.

As águas prateavam-se de reflexos e o sol, ainda baixo a oriente, intervalava-se entre os salgueiros. Aqui e ali uma truta no dejum da manhã. A presença de um barbo excitou os cães, que ladraram para a água com o desejo de mergulharem e abocanhá-lo, como faziam em dia de caça aos coelhos. Depois calaram-se.

A dez metros da margem contrária, recomeçaram a ladrar. Distinguia-se bem o único passageiro à espera no embarcadouro. O ti Né, como lhe faltasse a vista nas distâncias, não distinguiu o rosto; nublavam-se-lhe as imagens e tanto podia ser homem como mulher. Essa confusão arrelivava-o e a causa disso, desculpava-se ele a querer disfarçar a maleita, não era tanto da fraqueza dos olhos, mas a mania moderna das mulheres andarem vestidas como os homens. Estranhou, porém, que naquela manhã houvesse apenas um passageiro. Havia feira na cidade e era costume uma invasão de mulheres de Cabanelas com cestos de hortaliça e gigos de ovos para vender.

O barco aproximou-se do embarcadouro, deslizou entre o fim das águas e o início da terra, cravando-se a proa na areia. Os cães saltaram para fora e foram cheirar o passageiro.

Agora, que estava próximo, podia ver que era uma rapariga e não estava vestida de homem. Pensou lá para si que a vista o enganava cada vez mais. Mas ninguém o apanharia com as oculetas como as do padre Bastos. A moça trazia um vestido colorido e o cabelo era solto e negro. Só mesmo um cegueta a confundiria com um homem ou uma mulher vestida de homem, que o mesmo será exceto num ponto ou dois.

– Ora então muitos bons dias! – saudou o barqueiro. – Que faz a menina por aqui tão cedo?

Veio-lhe esta pergunta porque a rapariga não lhe parecia pessoa amanhada para ir à feira assim naquele prepero.

– Bom, dia, ti Né – respondeu-lhe ela à saudação ignorando a pergunta.

Ele empertigou-se com aquela voz de gata no cio e endireitou o pau para que o barco ficasse bem travado e não o levasse a corrente. Depois avançou para a proa e estendeu a mão para a ajudar a subir. Ela agarrou-se à mão calosa e segura como um corrimão e deixou-se introduzir. O ti Né, entre o pé direito que entrava e o pé esquerdo que abandonava o chão, vislumbrou uma perna de rapariga fresca e madura. Tinha uma mãozinha morena e mimada e, já dentro do barco, ele achou estranhíssimo o cheiro que dela se desprendia. Era qualquer coisa entre a fragrância dos lírios de rio e o aroma de truta frita.

– Que faz a menina por cá tão cedo?

– Quero atravessar o rio.

– Sim, isso já eu tinha notado. Mas porque quer atravessar o rio?

– Lembrei-me que nunca o tinha atravessado no seu barco.

O ti Né duas coisas pensou: ou que a moça estava a mofar, ou era uma maluquinha fugida aos pais. Não se decidiu por nenhuma, preferiu esperar para ver. A travessia mal começara, tinha ainda cinco minutos ou mais para se resolver a desembarcá-la numa margem ou noutra.

– Está uma linda manhã – disse ela olhando à roda enquanto o barco cortava a lentidão da corrente.

– No rio as manhãs são sempre bonitas. E quando temos uma companhia que também o é... – atreveu-se a dizer o velhote.

Não continuou. Sentiu-se ridículo. Era homem já sem idade para tais dichotes. Se Deus lhe tirasse cinquenta anos das costas, diferente seria. Assim, muito respeito devia à passageira e como barqueiro cumpridor do seu ofício se deveria comportar.

Conhecia aquele rosto de qualquer lado. De uma festa à Senhora da Graça, de uma romaria a São Filipe, de uma terça-feira de Carnaval?... Não podia ser! Foi há tantos anos! Seria filha? Mais precisamente neta. Poderia a natureza fazer cópias tão

idênticas? Assim como havia duas maçãs vermelhas e semelhantes no tamanho e na textura, assim podia haver duas mulheres de estatura semelhante, cabelo negro, rosto oval como cópia um do outro? Talvez fosse engodo da memória repleta de vivências e imagens num emaranhado confuso que fazem a toleira dos velhos.

Ele era velho, mas distinguia ainda o que conhecia do que lhe era estranho. E aquela rapariga que tinha ali à frente sentada na proa estava na sua memória. Ele não sabia como, mas estava.

Perguntou:

– A menina donde é?

– Da outra margem.

– De Cabanelas?

– Se assim lhe quiser chamar...

– Eu conheço muita gente em Cabanelas. Talvez conheça o seu pai. Como se chama ele?

– Não tenho pai.

– Mas mãe tem, com certeza.

– Também não.

Não era coisa de estranhar que uma rapariga não tivesse pais. Mais estranho seria ela estar ali a dizê-lo. Mas aquele rosto, aquele rosto que ele conhecia sabe-se lá donde!... E de repente veio-lhe um episódio, como se saltasse um coelho à estrada e surpreendesse o caçador pela rapidez. Mas ele estava atento e segurou-o. Lembrou-se (quantos anos passaram por si?): foi num dia de Carnaval, mascararam-se os rapazes de Padim e corriam os caminhos em gritos e risos a assustarem as crianças e a pregarem partidas aos mais velhos. Ele era um dos do grupo. Ainda solteiro, e fartar-se-ia de o ser, malgrado a perseguição que as raparigas lhe faziam por desgraçadamente ter nascido loiro e branco de pele como o leite de vaca (ou doutra alimária qualquer, pois era o leite sempre da mesma cor, como o sangue e o azulado do céu). Nas andanças e araganças, o grupo de mascarados chegara à margem do rio e um sugerira a ideia de o atravessarem. Sempre poderiam divertir-se do outro lado, assustando o povo de Cabanelas. Ali



pouca gente os conhecia pela voz, podiam redobrar as trastices e abusar nas partidas.

Meteram-se no barco sem barqueiro (a essa hora estaria em casa a tratar da horta) e remaram até ao outro lado. Ao chegarem, foram recebidos por um outro grupo de mascarados. Os recém-chegados cumprimentaram com macaquices e gritos, mas os outros eram mudos. Coisa estranha em mascarados, ou não fossem no dia de Carnaval foliões em ditos e em atos, como quem diz, na língua e no corpo.

Foi então que os rapazes do grupo do ti Né começaram a provocar com insultos e empurrões. Aí os outros reagiram em fugas saltitadas e gritinhos de protesto, e não eram outros, mas outras. Estavam perante um grupo de raparigas mascaradas de demónios. Para tirar a prova, um matulão de Padim deitou as unhas à máscara da que lhe estava mais à mão e arrancou-a. Era rapariga e, para mais, bonita como um lírio, malgrado a máscara de demónio orelhudo, com cornos e um grande bigode assanhado feito de barba de milho.

Ficaram todos petrificados. Era uma violação das regras do Entrudo arrancar a máscara a um folião. Porém, não foi tanto isso que causou tamanho pasmo. Foi a surpresa de uma rapariga mascarada. O matulão, temeroso, deu-lhe a máscara e afastou-se um passo. Ela voltou a colocá-la enfiando o cordel pela cabeça e apertando-o atrás do pescoço. Houve um momento de indecisão sobre a atitude a tomar pelos dois grupos. Tinham três opções: afastarem-se em paz e respeito, armarem ali o banzé em correrias e perseguições, ou correrem o Carnaval juntos. Escolheram, sem discutir e sem nada combinar, a terceira.

O ti Né divertiu-se imenso naquele resto de dia. O que mais lhe agradou nem foi a folia de andar pelas aldeias da margem contrária em correrias e gritos de doido. Foi a companhia que, desde o acontecimento da margem, arranjava. Ele não sabia se ela era bonita ou feia, velha ou nova. Gostou do riso fino de gata e desde logo emparelharam.

– Eu conheço-te – disse ela enquanto assolavam a ruela junto ao adro da igreja de Cabanelas com a criançada a fugir à frente deles.

– Como, se não me viste a cara?

Ela não lhe explicou como o conhecia e ele também não perguntou mais.

Ao fim da tarde, despediram-se os grupos, pois era tempo de os rapazes atravessarem o rio antes que se pusesse o sol. Foi então que, espalhados pela margem, os parzinhos entretanto feitos se deram a conhecer. Tiraram as máscaras e para ninguém houve deceções. Ficaram os rapazes encantados com a beleza das moças e logo ali lhes pediram namoro. Elas, esquivas de tal compromisso, recusavam enquanto se deixavam cair nos braços deles tolerando as suas mãos e os seus beijos.

Depois desse dia, muitas vezes os rapazes, cada um por si ou em grupo, atravessaram o rio para ver se as encontravam. Mas de balde. Correram as margens, percorreram os campos, as ruas, os caminhos das aldeias em redor e nunca mais as viram. A estranheza desse facto perpassou pela cabeça do ti Né nos momentos de angústia e de solidão que fora tendo ao longo da sua existência.

A rapariga que agora ali via à frente, sentada na proa do barco e a sorrir-lhe, se não era a mascarada que em tantas noites lhe impediu o sono, uma boa imitação seria. Ali estava, se não a que beijou, a filha ou a neta da mesma. Sorria-lhe e aquele sorrir tinha mais de cinquenta anos.

A barça aproximou-se de terra e encostou. Nisto o ti Né olha para a proa depois de fazer a manobra e vê apenas um marulhar como se alguém tivesse mergulhado. Procurou de ambas as bordas, mas não viu mais do que as águas calmas e quase limpas.

Da outra margem ouviu o farfalhar de vozes de um grupo de mulheres que ia para a feira. Tinha de cruzar de novo o rio. Ou seria a primeira vez naquele dia? A memória começava a falhar. Levantou-se da pedra, arrumou os restos do pequeno-almoço, entrou no barco e preparou-se para a travessia. Afinal os cães tinham ficado em casa.